

QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS – A VOZ DA MULHER NEGRA E POBRE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

MESS ROOM: DIARY OF A SLU, BY CAROLINA MARIA DE JESUS – THE VOICE OF BLACK AND POOR WOMEN IN CONTEMPORARY BRAZIL

Nelzir M. Costa

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

FAPAC/ITPAC PORTO

rizlencosta@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Obra autobiográfica, na qual a autora relata os desafios diários na luta pela sobrevivência na extinta Comunidade Canindé em São Paulo. O estudo visa estabelecer uma comparação entre as situações vivenciadas pela autora na primeira metade do século XX, com a realidade de mulheres negras nessas primeiras décadas do século XXI, direcionando o olhar para a autorrepresentação da mulher negra e pobre na sociedade brasileira. Enfatiza também a importância da literatura para essa representação, como instrumento de denúncia e de resistência aos preconceitos racial e de gênero e desigualdades sociais. Nesse contexto, a literatura afrobrasileira apresenta a voz da negritude no sentido de denunciar as desigualdades existentes, mas também na valorização da produção literária de um grupo étnico sem espaço no cânone literário brasileiro.

Palavras-Chave: Diário íntimo; Autorrepresentação; Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the work *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Autobiographical work in which the author reports the daily challenges in the struggle for survival in the extinct Community Canindé in São Paulo. The study aims to establish a comparison between the situations experienced by the author in the first half of the twentieth century, with the reality of black Women in these first decades of the twenty-first century, directing his gaze to the self-representation of black and poor women in Brazilian society. Also emphasizes the importance of literature for this representation, as an instrument of complaint and resistance to racism and gender and social inequalities. In this context, the Afro-Brazilian Literature features the voice of blackness in order to terminate the existing inequalities, but also appreciation of literary output of an ethnic group without a space in the Brazilian Literary canon.

Keywords: Diary; Self-representation; Black Women; Carolina Maria de Jesus.

Introdução

Uma leitura para a vida, unindo fruição e reflexão, esse é o resultado para o/a leitor/a que se permite caminhar com Carolina Maria de Jesus em “Quarto de Despejo: diário de uma favelada”. Livro de enredo cativante e indagador sobre uma realidade difícil e excludente vivenciada por inúmeros cidadãos brasileiros.

O presente trabalho convida o/a leitor/a a percorrer os cômodos da sociedade paulistana em tempos não muito distantes, fazendo uma parada reflexiva no “quarto de despejo”, na extinta favela do Canindé em São Paulo, no final dos anos 1950 e início da década de 1960.

Fruto das pesquisas realizadas no Mestrado em Ensino de Língua e Literatura ofertado pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus de Araguaína, sobre a Literatura Afro-brasileira - neste caso a literatura feminina - e a aceitação, repercussão nas escolas de Educação Básica, na rede pública estadual do Estado do Tocantins.

O encontro com Carolina Maria de Jesus e seu “quarto de despejo”, motivou a pesquisadora a buscar uma intimidade maior com a obra, a fim de realizar mediações de sua leitura em escolas públicas tocantinenses. O artigo encontra-se organizado em cinco partes, com exceção da introdução, apresentando-se da seguinte forma:

Inicialmente apresenta Carolina e a obra analisada, explanando sobre a sua escrita e vida na fase do anonimato, como se dá a ascensão meteórica e o retorno da escritora à invisibilidade. Dando sequência, aborda sobre a importância da escrita autobiográfica para a exteriorização do ser

e registro da vida, necessidade de afirmação da existência para quem escreve.

Referenciando esse pensamento, “Carolina e a leitura/escrita de si”, apresenta a relação de intimidade e de dependência da catadora com a literatura. Práticas que se constituem para ela como momentos de catarse e como voz para denúncia social, assunto abordado na penúltima parte desse texto, antecedendo as considerações finais. Assim, é traçada uma comparação entre as lutas de Carolina e as mulheres da sua época, com as situações de exclusão, menos valia e desfavorecimento que ainda perduram atualmente para as mulheres brasileiras negras e pobres, apesar da distância entre os anos da produção da sua obra e a contemporaneidade.

Desse modo, o presente trabalho pretende contribuir com as discussões sobre a Literatura Afro-brasileira e dar visibilidade para essa autora ainda desconhecida por muitos professores e estudantes da Educação Básica. Por outro lado, aliado à leitura literária na escola, promover debates sobre as situações de gênero e desigualdade em que se encontram as mulheres negras brasileiras.

Carolina Maria de Jesus: conto de fadas às avessas

A escritora brasileira, Carolina Maria de Jesus, experimentou o que pode ser considerado como um conto de fadas, todavia sem o clássico final “e foram felizes para sempre”. A rápida transformação na vida dessa mulher invisibilizada por todos, cujo sustento tirava do lixo, na luta diária de uma catadora de material reciclável, mudando, como num passe de mágica, para uma badalada escritora de *best-seller* no início da década de 60. Entretanto, a fama foi efêmera, devolvendo-a logo depois para a mesma condição social e esquecimento de outrora.

A mulher negra, pobre e de baixa escolaridade, que encontrava na escrita de si uma forma de burlar o cansaço, a fome e a miséria foi descoberta por um jornalista: Audálio Dantas, que a tornou conhecida no mundo inteiro. Residente na extinta favela Comunidade Canindé em São Paulo, ela sonhava com o dia em que seria consagrada escritora e venderia muitos livros. Sonho que se realizou, todavia, não perdurou por muito tempo.

O livro que a revelou ao mundo foi *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* trata-se do resultado de uma edição de 20 cadernos de registros diários da catadora de material reciclável. Por isso, o período dos relatos nele apresentados abrange de 15 a 28 de julho de 1955 e de 02 de maio a 01 de janeiro de 1960.

Nos registros, a diarista confidenciava a sua luta pela sobrevivência, as marcas deixadas pela sociedade em uma mulher que carregava consigo todos os estigmas das minorias. Ela era mulher, negra, pobre, solteira, semianalfabeta, desempregada e mãe de três filhos. Em sua escrita, através da autorrepresentação é possível visualizar a situação e as condições reservadas a todas as demais mulheres de perfis similares ao dela.

Em pleno final da década de 1950 e início dos anos 60 (sessenta), quando a sociedade brasileira, segundo a mídia, estava aspirando e propagando grandes progressos, essa cidadã comum explicita o drama da exclusão. Traz à tona que o *slogan* defendido pelo então presidente da República Juscelino Kubstichek: “50 anos em 5”, não se estendia a aqueles que, em prol do progresso, tiveram que se mudar para o “quarto de despejo”, como denominava as favelas, lugar para despejo daqueles que não eram vistos socialmente.

Talvez por isso, pelo teor denunciante de seus textos, tenha alcançado a marca de *Best-seller*, vendendo apenas na semana de lançamento, cerca de 100 mil exemplares. A partir do sucesso de vendas, conseguiu comprar uma chácara e mudar-se da favela. Todavia sua produção seguinte, *Casa de Alvenaria*, não alcançou o mesmo prestígio, passando a escritora do estágio de euforia de vendas e da divulgação na imprensa para o silenciamento e volta ao quase anonimato. A autora faleceu em 1977, esquecida e novamente em estado de extrema pobreza.

A literatura autobiográfica como exteriorização do ser

Os diários íntimos escritos por Carolina Maria de Jesus pertencem ao gênero confessional, cujas narrativas centram-se na vivência do próprio eu e suas singularidades. Gêneros de origens bem antigas, mas cujo apogeu se deu no início do século XX quando “tornou-se objeto de consumo e passou a ser digerido por uma grande massa de leitores interessados no secreto” (MACIEL, 2004, p. 5). Para Maciel (2004) esse interesse do público pelo secreto, pela vida do outro, deve-se ao fato de que ao buscarem o conhecimento de um testemunho único, estabelecem uma relação entre o

que ocorre com os autores dos diários e sua própria vida. Também analisam a condição humana e o sentido da existência.

Dessa forma, mais do que a curiosidade, o que move os leitores da literatura confessional é o sentimento de busca do ser humano, de pertencimento ao mesmo contexto ou situações vivenciadas por aquele que escreve. A construção da sua identidade e a relação que esta possa estabelecer com outras, também em construção.

Artières (1998, p. 10) afirma que o ser humano possui a necessidade de arquivar a própria vida, que nessa prática, “arrumamos, desarrumamos, reclassificamos, e construímos uma imagem, para nós mesmos e para os outros”. Dessa forma, para ele, a escrita de si não ocorre de uma forma tão espontânea o quanto aparenta ser, uma vez que quando se escreve, mesmo para um leitor imaginário, há uma intenção autobiográfica.

Baumann (2008) também considera a escrita autobiográfica como uma necessidade do indivíduo da sociedade contemporânea. Segundo ele, é uma forma de burlar a finitude e alcançar a transcendência. Estratégia para permanecer entre os mortais, não ser esquecido após a morte. Ou seja, a escrita de si como uma forma de resistência ao tempo. Nos relatos de Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo*, também é possível perceber o que Maurice Blanchot considera sobre a escrita dos diários íntimos:

Escreve-se para salvar a escrita, para salvar sua vida pela escrita, para salvar seu pequeno eu (as deformações que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar seu grande eu, dando-lhe um pouco de ar, e então se escreve para não se perder na pobreza dos dias. (BLANCHOT, 2005, p. 274).

Nesse sentido, a produção dos diários pela catadora serve, muitas vezes, como o alento necessário para não desistir, para continuar vivendo. O registro do dia 12 de junho de 1958 serve como ratificação do que diz Blanchot (2005):

Eu deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...]. É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (JESUS, 2007, p. 60).

A função da escrita aqui, conforme a autora descreve, extrapola a intenção dos registros diários, assumindo uma proporção maior. É como se a prática de escrever a transportasse em um processo de imersão para um mundo idealizado e distante das agruras diárias. Uma válvula de escape para as noites insones e mudança de foco nos pensamentos angustiantes sobre o dia que estava por vir. Além de a escrita consistir em uma atividade totalmente acessível à sua condição, uma vez que não exigia muito. Uma prática de subjetivação do eu, do seu olhar sobre o mundo e sobre si mesma, do que era e do que poderia ser.

Carolina e a leitura/escrita da Literatura

A paixão de Carolina pela leitura literária e pela escrita fica evidenciada no decorrer de suas narrativas diárias. Como consequência dessa prática, encontram-se a visão politizada e o elevado nível de letramento da autora, percebidos através de seus relatos. No registro do dia 21 de julho de 1955, ela declara de forma contundente a importância da leitura para a sua vida: “Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem” (JESUS, 2007, p. 24).

Carolina, com essa declaração, demonstra estar à frente de muitas pessoas de sua época. Inclusive dos escolarizados de classe socioeconômica privilegiada, mas sem interesse pela leitura. Ao declarar a leitura diária como uma necessidade, como uma atividade de fruição, a catadora consegue surpreender e, ao mesmo tempo, desmitificar o senso comum de que catadores de papel, assim como demais membros da classe dos menos favorecidos economicamente não possuem o

hábito da leitura. Desconstrói o pensamento simplório de que a literatura possui apenas um público elitizado e diferenciado.

Para ela, a literatura possui o viés do prazer estético, permitindo a fruição, a fuga da realidade, a catarse dos seus medos, a representação de si e dos outros. Em vários relatos Carolina explicita a sua relação com a leitura e a escrita. Ambos como momentos prazerosos e de encantamento, nos quais o livro e a escrita estão diretamente ligados à contemplação do belo.

Carolina também tinha a consciência de que a literatura poderia atuar como um instrumento de denúncia social e símbolo de resistência às injustiças vivenciadas cotidianamente. Por isso, constantemente dizia aos seus vizinhos que estava escrevendo um livro sobre a favela. Não raro utilizava esse argumento como arma, a fim de se defender da tirania destes. As ameaças funcionavam não apenas para protegê-la e a seus filhos, mas para alimentar o seu *alter ego*, que a fazia se sentir superior àquela gente: “Vocês são incultas, não pode compreender... Vou escrever um livro referente a favela” (JESUS, 2007, p. 20).

O sonho de ser escritora era sempre evidenciado em suas falas e na escrita. Inclusive, registra a frustração de nunca obter uma resposta positiva por parte dos editores e das pessoas a quem apresentava as suas produções.

Quarto de Despejo: um quadro de denúncias e apelo social

Na escrita de si, em *Quarto de Despejo*, Carolina retrata um quadro da sociedade brasileira da época, principalmente da cidade de São Paulo, luxuosa no centro da cidade, mas cercada por favelas e muita pobreza. E dentro desse processo, a condição sub-humana das pessoas que ali residiam e que se estende a muitos cidadãos brasileiros até o presente.

Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 2007, p. 55).

A sua escrita, funciona como Artières (1998) define: o arquivamento da própria vida em um exercício de reflexão, de “se pôr no espelho, contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1998, p.11). Ao falar de si, Carolina representa uma coletividade de mulheres, que assim como ela, carregam os mais diversos estigmas sociais. Os relatos das afrontas e xingamentos que recebe de adultos e de crianças refletem o preconceito racial do qual era vítima e que ainda vigora na sociedade brasileira.

“Negra fideda”, Negra suja, ordinária, vagabunda e lixeira eram as adjetivações recebidas por Carolina, na rua e em casa por parte de adultos e crianças, sem que ninguém os repreendessem. Xingamentos e ataques verbais como esses encontram proibidos atualmente na sociedade brasileira, com punições previstas no Código Penal. Entretanto, isso não impede que o racismo continue se manifestando de outras formas, bem dissimuladas.

Um exemplo desta prática pode ser ilustrado com evidências sociais do que ocorre com as mulheres negras no país. Elas continuam em situação desfavorável no mercado de trabalho. Segundo a revista *Retrato das desigualdades de gênero e raça* (2011), a taxa de desocupação¹ no período de 2005 a 2009, apontou um crescimento no desemprego de homens e mulheres. O documento reafirma que o desemprego é também uma realidade permeada de desigualdades de gênero e raça. O que se pode observar nos dados que indicam que a menor taxa de desemprego é dos homens brancos (5%) e a maior, das mulheres negras (12%) (BRASIL, 2011, p. 27).

A mulher negra continua não assumindo cargos de chefia nas empresas, sendo proteladas em algumas vagas de trabalho, embora possua o currículo desejado, com a desculpa de que o *déficit* já foi preenchido. As práticas sociais, às vezes de forma velada, continuam a deixar as mulheres negras em posição de desvantagem em relação às brancas devido ao preconceito racial existente.

¹ Segundo o Ipea – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, trata-se da taxa que mede a proporção de pessoas desempregadas, mas em busca de emprego.

Apesar de todo o embate contra as mazelas e o preconceito, Carolina se traduz como um símbolo de resistência que se renova a cada dia: “Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer” (JESUS, 2007, p. 25). Sua determinação e valor próprio se exteriorizam com frequência, o que se pode observar no relato de quando, ao apresentar algumas peças que escrevera aos donos de um circo, ouve deles a seguinte afirmação: “É pena você ser preta” (JESUS, 2007, p. 27).

O discurso de superioridade do branco explicita-se, baseando na crença de que o negro não estava apto para as atividades intelectuais. Referendava a afirmação de que a atribuição de suas competências restringia-se aos trabalhos manuais e braçais, pois a força é que lhe era peculiar e não o intelecto. No caso de Carolina, havia ainda o agravante de ser mulher, a quem a produção literária não estava destinada, segundo a sociedade machista da época. A ela eram destinados os espaços da casa, e como negra, pobre, mãe solteira, catadora de papel semianalfabeta, cabia-lhe o espaço da rua, como pedinte. Entretanto, a sua resposta ao preconceito impactava:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta (JESUS, 2007, p. 65).

Carolina se autorrepresenta de uma forma positiva, uma mulher determinada e admiradora da sua negritude. Quando expõe suas fragilidades não se utiliza da autocomiseração por ser negra e pobre. Pelo contrário, ela problematiza as situações deprimentes de escassez que os negros vivenciam e que os fazem parecer sujos, por exemplo. Há vários relatos afirmando que não se sente bem por estar suja e não ter dinheiro para comprar sabão para lavar as roupas e limpar a casa, mas nunca por ser negra e não atender aos padrões sociais de beleza. Em um dos registros, ela questiona que não compreende o fato do branco se considerar superior ao negro, se ambos sentem as mesmas necessidades e “a natureza não seleciona ninguém” (JESUS, 2007, p. 66).

Com um discurso simples, a autora contradiz a teoria da seleção natural de Charles Darwin, que ainda perpetua no senso comum de uma coletividade que não aceita as diferenças étnico-raciais. Carolina, por sua vez, afirma e defende a sua identidade negra, mesmo enfrentando todas as segregações possíveis.

A visão de Carolina em relação aos homens é outro aspecto interessante na obra e que denuncia o caráter machista da sociedade brasileira. Através da sua escrita é possível verificar que desde criança ela tinha consciência da supremacia da figura masculina no meio social e da representação da mulher como ser frágil e limitado. Desse modo, rememorando a infância, nos relatos de 07 de junho de 1958, ela declara que um dos seus sonhos da infância era tornar-se homem para defender o seu país. Enfatiza que os livros de História do Brasil apresentavam apenas nomes masculinos como defensores da pátria.

Em sua narrativa afirma que costumava correr em direção ao arco-íris, pois quando perguntara à sua mãe porque ela não a fazia virar homem, esta lhe respondeu que se passasse debaixo do arco-íris seu sonho se realizaria: seria transformada em homem (JESUS, 2007, p. 55). Carolina fala das suas frustrações por nunca alcançar o arco-íris.

No relato do dia 15 de agosto de 1958, ela volta a afirmar que o sonho da infância ainda a acompanhava: “Eu disse que eu queria ser homem, porque assim eu podia quebrar e bater” (JESUS, 2007, p. 112). É evidente que a vontade de Carolina em mudar de sexo não se deve a tendências homoafetivas, mas sim a um reflexo da prática discursiva histórica que propaga a superioridade do sexo masculino, cabendo à mulher a passividade e submissão silenciosa.

O que Carolina sonhava era em libertar-se dessa condição, da identidade “reprimida” socialmente (SILVA, 2006, p. 49), da opressão destinada a ela e a sua coletividade. Mulheres vítimas de um sexismo que as vitimavam diariamente. Por isso, a sua relação com o sexo oposto não era de muita confiança. Considerada uma mulher atraente, ela é cortejada constantemente, entretanto foge dos relacionamentos sérios. Justifica-se dizendo que tem raiva dos homens por tê-la enganado,

deixando-a apenas com os filhos, também diz que ao testemunhar os conflitos conjugais dos seus vizinhos não se habilita a conviver maritalmente com ninguém.

A partir dos relatos das vidas das pessoas da favela, a autora de *Quarto de Despejo* vai dando voz às mulheres e meninas. Denúncias de violência infantil, incesto, prostituição e agressões às mulheres se exteriorizam. Como o que ocorre no dia 20 de julho de 1958: “O senhor Alexandre começou a bater na sua esposa. A Dona Rosa interviu. Ele dava pontapé nos filhos. Quando ele ia enforçar a Dona Nena, a Dona Rosa pediu socorro...” (JESUS, 2007, p. 97).

Esses e outros registros de violência doméstica contra a mulher e os filhos estão em toda a narrativa. Se na época, na favela de Canindé, era uma prática cotidiana, os jornais diários contemporâneos apresentam a mesma realidade. Segundo o *Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil*, os atendimentos de mulheres tipificados por violência, registrados no SINAM (Sistema Nacional de Atendimentos Médicos), no ano de 2014, somam 223.796 casos. E duas a cada três vítimas de violência (147.691) sofreram violência doméstica, sexual e outras.

O documento ressalta ainda que entre os anos de 1980 e 2013 foram assassinadas 106.063 mil mulheres. O crescimento entre 1980 e 2013 equivale a 252%, o que indica um ritmo acelerado de incremento do homicídio feminino. Entre as vítimas, lideram as mulheres negras. (WASELFISSZ, 2015).

O documento informa ainda que a maioria das mulheres são assassinadas em sua residência, com instrumentos que variam de arma de fogo (menos da metade) a objetos cortantes, penetrantes, sufocação, etc. Waiselfisz (2015) acrescenta que essas características indicam que a maioria dos crimes é de caráter passional, crimes de ódio ou por motivos fúteis/banais.

A análise desses dados mostra a atualidade do diário da favelada, confirmando que a decisão de viver sozinha, sem um companheiro, está diretamente ligada à concepção de segurança. A confissão do dia 18 de julho de 1955 serviria para ilustrar os dados apresentados pelo *Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil*:

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer especie de trabalho para mantê-los. E elas [vizinhas], tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2007, p. 16).

Nesse e em outros momentos, evidencia-se a voz da escritora denunciando o sexismo vigente na sociedade brasileira. A condição de subalternidade imposta à mulher pelo sexo masculino, gerando tantas outras violências que, comumente, são justificadas pela normalidade da violência, ou pelo patriarcalismo presente na sociedade brasileira, na qual os comportamentos de insubmissão e transgressão aos padrões e regras masculinos ousados pelas mulheres devem ser corrigidos e punidos. Fator que resultará em outro aspecto social: a elevação no número de famílias lideradas por mulheres.

Mulheres que, assim como Carolina, fogem dos companheiros agressores, cabendo a elas a responsabilidade com os filhos. Na sociedade contemporânea, os dados revelam que há um número significativo de lares sob a chefia feminina. Os dados apresentados por Marcondes (2013) no *Dossiê Mulheres Negras – retrato de vida das mulheres negras no Brasil*, revelam que as famílias chefiadas por mulheres negras são maioria entre aquelas do tipo “casal com filhos” e “mulher com filhos”, com 52,4% e 55,2% do total das famílias de chefia feminina. E de cada cem negras nessa condição, onze estavam desempregadas. Ao passo que, entre as brancas, este valor era de apenas sete.

Diante dessas informações é possível estabelecer uma relação entre a vida difícil da catadora de papel no final dos anos 50 (cinquenta), século XX e primeiras décadas do século XXI. É como se a escrita da sua vida continuasse na história de outras senhoras nas mesmas condições de segregação e exclusão social. A angústia de Carolina ainda é vivenciada diariamente por um grande percentual de mulheres nesse país.

Em seus momentos de reflexão, Carolina analisava as dificuldades enfrentadas por ela e pelos membros das classes menos favorecidas com muita sobriedade. A sua leitura sociológica do mundo que vivia demonstra politização e consciência das políticas públicas de que a população pobre necessitava. Ao argumentar sobre o aumento constante dos gêneros alimentícios, da fome enfrentada pelas pessoas da favela e a omissão dos representantes políticos, ela desabafa:

[...] Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo com os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade (JESUS, 2007, p. 39).

O seu relato demonstra o pensamento crítico e o entendimento de que o povo votava naqueles que considerava que poderiam modificar a realidade de fome e exclusão a que uma grande parcela da população estava submetida. Todavia, essa perspectiva não se concretizava, tendo em vista que as promessas de campanha não se efetivavam após as eleições e posses dos candidatos eleitos.

Nesse processo de descrença com a política brasileira, no relato do dia 10 de maio de 1958, ela menciona as considerações de um tenente sobre a favela. Em um diálogo com ela o tenente afirma que a favela é um ambiente propício à delinquência e, por isso, não favorável à educação dos filhos. Ao refletir sobre a conversa que tiveram, ela questiona a si mesma pensando que ele deveria dizer isso não era para ela, mas para os políticos citando: Jânio Quadros, Kubsticheck (JK – Presidente da República) e o Dr. Adhemar de Barros. Ressalta em seus apontamentos, que como cidadã comum, não consegue resolver nem mesmo as suas próprias dificuldades.

De certa forma, explicita que os seus problemas diários seriam menos, caso esses dirigentes políticos efetivassem políticas públicas voltadas para as minorias. Concluindo o pensamento dispara: "... o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora. Quem passa fome aprende a pensar no próximo, e nas crianças" (JESUS, 2007, p. 30).

Em sua simplicidade, Carolina conseguiu se antecipar na história do seu país, que quatro décadas depois, elegeria para presidente da República um membro das classes populares. Alguém que também já havia experimentado a fome e a exclusão, assim como a catadora.

Considerações Finais

O livro Quarto de Despejo: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus, consiste em um importante registro social do final da década de 1950 no Brasil. A complexidade dos relatos a partir da visão de uma mulher negra, pobre, semianalfabeta, chefe de família e desempregada permite várias leituras sob os mais variados ângulos. Nesse trabalho, o texto foi analisado observando a importância da escrita de si não apenas como registro pessoal, mas como elemento de autorrepresentação de si e dos outros.

A voz de Carolina em seus registros diários, não representa apenas a si mesma, mas a todas as mulheres que se encontram em situações análogas na sociedade brasileira. O seu posicionamento de não silenciamento reflete a não resignação diante das situações de exclusão e invisibilidade.

A sua autorrepresentação endossa a de inúmeras mulheres pobres, negras que enfrentam diariamente situações de opressão e marginalização. Embora o país tenha avançado em alguns aspectos, o que se observa cinquenta e sete anos após a publicação do diário da favelada, é que muitas das situações vivenciadas por ela ainda persistem.

Como se pode observar em relação ao preconceito racial, o qual contribui com a redução de oportunidades para as mulheres negras; a violência contra a mulher, principalmente as negras, que continuam liderando nos índices como vítimas de violência doméstica e feminicídio.

Desse modo, inúmeras Carolinas se constroem diariamente utilizando como instrumentos para o não silenciamento não apenas cadernos retirados do lixo, e sim os mais modernos recursos tecnológicos. Há uma tendência contemporânea de autorrepresentação de si e da sociedade através das ferramentas digitais: blogs, facebook, whatsapp e demais formas de registros eletrônicos.

Os cadernos amarelados, reaproveitados do lixo de São Paulo, serviram não apenas para a escrita corriqueira de uma mulher solitária e angustiada no final da década de 1950. Serviram, sobretudo, para auxiliar na escrita de uma história em prol da luta pela erradicação do preconceito e por melhores condições de vida das mulheres negras que carregam consigo todos os estigmas sociais. E por fim, auxiliou a sua autora a burlar a finitude da vida (ARTIÈRES, 1998), a não cair no esquecimento a que os seres humanos estão propensos após a morte.

Referências

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Arquivos Pessoais. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, n.21, 1998, p. 9-34.

BAUMANN, Zigmund. "Introdução". **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2008, p. 07-22.

BRASIL. **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.], 4. ed., Brasília: Ipea, 2011.

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: **o livro por vir**. Tradução Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. 9. ed., São Paulo: Ática, 2007.

MACIEL, Sheila Dias. A Literatura e os Gêneros Confessionais. In: **Em diálogo: estudos literários e lingüísticos**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

MARCONDES, Mariana Mazzini [et al]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**: Brasília: Ipea, 2013. ISBN: 978-85-7811-188-5.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídios de Mulheres no Brasil**. CEBELA; FLACSO Brasil, 2015. Disponível em: www.mapadaviolencia.org.br. Acesso em 08/03/2017.

Recebido em 10 de junho de 2017.

Aceito em 3 de outubro de 2017.